# rotas insurgentes de intelectuais negras: biografias e bibliografias para a formação de professoras

# insurgent routes of black intellectual women: biographies and bibliographies for teacher's training

Ivanilda Amado Cardoso Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros Universidade Federal de São Carlos São Carlos — São Paulo

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0575-8323

Tatiane Cosentino Rodrigues
Professora do Departamento de Teorias e Prática Pedagógicas
Universidade Federal de São Carlos
São Carlos - São Paulo

ORCID: <a href="https://orcid.org/0000-0002-4402-2805">https://orcid.org/0000-0002-4402-2805</a></a>
DOI: <a href="https://doi.org/10.5281/zenodo.14212818">https://doi.org/10.5281/zenodo.14212818</a>

Resumo: Neste artigo entrelaçamos memórias e conceitos a partir da geografia afetiva e escrevivências. Apresentamos parte das biografias e bibliografias das intelectuais insurgentes Ana Celia da Silva, Joyce Elaine King, Maria de Lourdes Sigueira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Vanda Machado. Nosso objetivo é evidenciar as produções destas intelectuais como potencialidades para a formação de professores(as) no Brasil. As reflexões aqui desenvolvidas são decorrentes da Tese de Doutorado intitulada: "Intelectuais insurgentes no campo da formação professores(as)", defendida no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos. A escrevivência, conceito cunhado pela intelectual Conceição Evaristo é a ferramenta metodológica que nos autoriza a registrar os encontros e as rotas insurgentes para representar múltiplas vozes de educadoras negras que formularam conceitos, proposições e projetos educacionais.

**Palavras-chave:** (1) Intelectuais insurgentes; (2) Formação de professores(as); (3) Educação; (4) Relações étnico-raciais; (5) Lei n° 10.639/2003.

Abstract: In this article we intertwine memories and concepts based on affective geography and escrevivências. We present part of the biographies and bibliographies of the insurgent intellectuals Ana Celia da Silva, Joyce Elaine King, Maria de Lourdes Siqueira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva and Vanda Machado. Our objective is to highlight the productions of these intellectuals as potential for teacher training in Brazil. The reflections developed here arise from the Doctoral Thesis entitled: "Insurgent intellectuals in the field of teacher training", defended in the Postgraduate Program at the Federal University of São Carlos. Escrevivências, a concept coined by intellectual Conceição Evaristo, is the methodological tool that authorizes us to record insurgent encounters and routes to represent multiple voices of black educators who formulated concepts, propositions and educational projects.

**Keywords:** 1) Insurgent intellectuals; (2) Teachers' training); (3) Education; (4) Ethnic-racial relations; (5) Law n° 10.639/2003.

## Introdução

Em "Intelectuais Insurgentes no Campo da Formação de Professores(as)", uma tese de doutorado defendida, em 2020, na Universidade Federal de São Carlos e publicada pela editora CRV em 2022, apresentei parte da biografia e bibliografia das intelectuais insurgentes: Ana Celia da Silva; Joyce Elaine King; Maria de Lourdes Siqueira; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Vanda Machado.

O objetivo daquela pesquisa foi o de evidenciar as trajetórias de vida e as produções acadêmicas destas intelectuais como fundamentais para a o campo da formação de professores(as). A formação na área da Educação; as experiências nos movimentos sociais; a produção acadêmica, e os projetos de Educação foram encampados por essas intelectuais

Minha defesa é a de que as intelectuais insurgentes propuseram conceitos fundamentais para a constituição de tendências para a formação de professore(as). Por isso com a finalidade de estabelecer conexões diaspóricas entre pensamentos de mulheres negras no campo da Educação, analisei a biografia e bibliografia de intelectuais negras brasileiras e norteamericanas. O pressuposto é o de que o diálogo transnacional é uma ferramenta poderosa para o mapeamento de epistemologias, debates, conceitos, estratégias e políticas educacionais no mundo.

Ao analisar criticamente os modelos de formação de professores(as) no Brasil, também posicionei sob suspensão minha graduação no curso de Pedagogia, já que problematizo a matriz curricular, as metodologias e as epistemologias proposta pela universidade. Entendo que depois do diploma, todo(a) professor(a) deveria se perguntar criticamente se está preparado(a) para ensinar pessoas crianças, adolescentes jovens e adultos numa perspectiva antirracista.

Durante minha graduação no curso de Pedagogia eu tinha consciência de que, em razão do modo como estava organizada a matriz curricular e os referenciais teóricos, ao final dos quatro anos de graduação, os egressos não teriam bases teóricas e práticas sólidas para atuação na perspectiva de uma Educação antirracista.

Neste artigo retomo partes dos textos daquela pesquisa, primeiro para celebrar as vidas das professoras, bem como para ampliar as possibilidades de mais educadores(as) conhecerem suas biografias e bibliografias e, a partir delas, possam sonhar e planejar sua *práxis* sustentada em ações antirracistas que garantam aos/às estudantes aprendizagens referenciadas em saberes afro-brasileiros e africanos.

# Rotas de afetivas e acadêmicas de intelectuais insurgentes

Como uma interessada nas trajetórias das intelectuais negras, entrelaço meu percurso de vida e acadêmico com os ensinamentos delas, entendendo a pesquisa como um caminho para encontro da minha

ancestralidade e das bases para minha atuação profissional. Aproximar minhas reflexões nas biografias e me profundar nas leituras produzidas pelas professoras participantes da pesquisa, tem sido um processo marcado por múltiplos significados, para além da titulação acadêmica, esse percurso fortaleceu minhas inspirações, ampliou meu arcabouçou teórico e restituiu o direito de leituras negadas no meu processo de formação docente na graduação em Pedagogia.

Recorri ao conceito cunhado por Conceição Evaristo como ferramenta metodológica (SOARES & MACHADO 2017) para expressar os sentidos da pesquisa e abordar as vidas de mulheres negras, não como objeto passivo da pesquisa, mas como potência artística, inventiva, por meio da escrita literária, é um modo de evidenciá-las [...] como protagonistas de suas [...] próprias histórias (SOARES & MACHADO 2017: 217). Para a Psicóloga Lissandra Vieira Soares e a Antropóloga Paula Sandrine Machado, o conceito de escrevivência cunhado por Evaristo é uma ferramenta metodológica para a produção de conhecimento nas Ciências Humanas em que

aponta para o necessário incômodo que a escrita de mulheres negras precisa provocar no interior da produção científica hegemônica, marcadamente branca e androcêntrica, como um sinal da virada epistêmica em que essa produção se insere, bem como por sustentar a força de uma ética engajada à militância nos escritos e movimentos políticos de mulheres negras (SOARES & MACHADO 2017: 203).

Engajada nessa perspectiva, já que todos falamos desde um lugar (HALL 1996), apresento pontos das minhas experiências e trajetória educacional, por considerá-las elemento fundamental na compreensão da importância das políticas públicas educacionais. Antes que me intitule Doutora, convido a todos e todas para, a partir da minha trajetória e memórias, sentir, rever e pensar sobre a trajetória de jovens negros da periferia à educação superior, e enfatizo que o sucesso educacional deles/delas depende da consolidação de políticas equânimes e antirracistas para a democratização da educação superior, conforme tem pautado o movimento negro.

O conceito de insurgente aqui apresentado ultrapassa a definição do dicionário. Aqui o conceito *insurgente* está respaldado nas trajetórias de intelectuais negras que, na contramão do racismo e patriarcalismo, secaram suas *insubmissas lágrimas* (EVARISTO 2011), formaram uma *insurgent intellectual network*<sup>1</sup> (MORRIS 2015) e, como *outsiders within* (COLLINS 1986), ascenderam socialmente; ingressaram nas universidades, e tornaram-se

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Rede intelectual insurgente [Interpretação nossa].

docentes produzindo teorias e práticas *insurgentes* para a Educação brasileira.

O termo insurgente foi agregado ao meu vocabulário após a leitura do livro Desconstruindo a discriminação no livro didático (SILVA 2001), da professora Ana Celia da Silva, no qual a pedagoga denomina de insurgência a resistência das crianças frente às práticas racistas na escola. Portanto, não há inovações no termo, mas antes dessa data, talvez eu não utilizaria essa palavra para definir as práticas, ações, pensamentos e produções teóricas de pesquisadoras negras. Depois da menção da Professora Ana Celia da Silva, passei a observar textos e livros, bem como constatei a utilização do conceito em muitos artigos, eventos e textos nas redes sociais em referência à população negra. Ao retomar a leitura do livro Ensinando a Transgredir (hooks 2010) de bell hooks, constatei que a autora também menciona o termo "intelectuais negras insurgentes". Até o final da elaboração da tese, observei uma crescente utilização do termo nos eventos acadêmicos, revistas, artigos dissertações e teses.

Assim, as participantes desta pesquisa são mulheres insubmissas² que compõem um núcleo de pesquisadoras insurgentes³ que ingressaram nas universidades e tornaram-se propositoras de teorias não desejadas pelos sistemas hegemônicos. E sem se distanciar da força da comunidade, como nos ensina o samba, elas "aprenderam a ler para ensinar seus camaradas". Como mulheres que alcançaram importantes espaços, praticam o lema "uma sobe e puxa a outra", bem como constroem importantes legados para as universidades brasileiras e estrangeiras.

Elas são da geração de primeiras intelectuais negras pós-revolução de 1930, bem como a primeira geração de mulheres negras docentes em universidades brasileiras e orientadoras de importantes intelectuais, que atualmente são também professores(as) formadores(as) nas universidades e dão continuidade às políticas e agendas de formação na perspectiva da educação e das relações étnico-raciais, ensino da história e cultura afrobrasileira e africana.

A trajetória acadêmica e militante, bem como as suas produções teóricas no campo da Educação são exemplos de insurgências diante do projeto de educação brasileira e currículo eurocêntrico que insiste em desconsiderar ou minimizar o debate racial. Opondo-se e reagindo aos modelos de Educação vigente no Brasil, no século XX e XXI essas intelectuais traçaram lutas, insurgências e pedagogias.

Os percursos registrados nas suas trajetórias demonstram que as professoras Ana Celia da Silva (1940), Joyce King (1949), Maria de Lourdes

25

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Em referência à Conceição Evaristo (2016), autora do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no qual retrata a solidariedade que aproxima as mulheres negras.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Expressão utilizada pela professora Ana Celia Silva no livro Desconstruindo a discriminação no livro didático (2001).

Siqueira (1937), Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1942) e Vanda Machado (1942) estão em redes de compartilhamento de projetos educacionais comuns, produzidas nas experiências, fluxos e trocas culturais (GILROY [1956] 2001). Essas intelectuais compõem a *insurgent intellectual network*, que por definição são

construídas por intelectuais subalternos aos quais – por causa do império, raça, classe e/ou discriminação de gênero – foi negado o acesso às redes de intelectuais de elite (MORRIS 2015: 193) [Interpretação nossa].

Assim, a riqueza da trajetória e a vasta produção bibliográfica e audiovisual produzida pelas professoras estão registrados nas bibliotecas e websites, e são conteúdos fundamentais para a Educação brasileira, para o campo da formação de professores(as), bem como para a promoção de políticas de ações afirmativas, valorização e respeito à religiosidade africana no Brasil e são instrumentos fundamentais para a metodologia de trabalho científico. Muitos registros da sua biografia e bibliografia estão disponíveis, assim, as linhas que seguem<sup>4</sup> são resultadas das leituras, escutas e tessituras que marcaram meu olhar de pesquisadora interessada em aprender e disseminar sobre fluxos e trajetórias de vidas de educadoras negras.

#### Maria de Lourdes Siqueira

26

Encontrei a professora **Maria de Lourdes Siqueira** pela primeira vez, em 2010, no "Colóquio Internacional de Etnicidade, Religião e Saúde: Questões Identitárias e Políticas em Saúde da População Negra do Brasil", organizado pelo Grupo de Pesquisa FA-SA — UFBA. Inspirada no curso de Wade Nobles sobre filosofia africana e saúde mental<sup>5</sup> apresentei no congresso o texto "A construção da identidade de meninas negras na escola: a discriminação racial e as consequências à saúde mental". Na apresentação, observei que uma senhora elegante estava lançando olhares avaliativos à minha apresentação. Eu estava diante da professora Maria de Lourdes Siqueira. Tenho recordações de que, ao final da apresentação, ela fez um comentário que não lembro "ao pé da letra", mas era uma referência à importância do movimento negro para a nova geração de pesquisadores(as).

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Organizamos a apresentação das trajetórias pelo critério de ano do nascimento.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Curso de Pedagogia e de Psicologia Africana, ministrado por Wade Nobles e organizado pelo NEAB-UFSCar em 2010.

Após a apresentação senti vontade de registrar uma foto com aquela anciã, mas fiquei de longe observando-a com admiração.



Figura 1 – Maria de Lourdes Siqueira

Fonte: Elaborado pela autora a partir do google imagens.

Nascida em 1937, na "Matinha (Terra de Pretos), nos Matões dos Moreiras, um antigo quilombo habitado pela família" (SIQUEIRA 2018b: 16), no estado do Maranhão. Foi nesse território, afirma Maria de Lourdes Siqueira que: "constituí minha referência geográfica, familiar e de pertencimento étnico-racial-cultural-religioso. Tudo o que sou vem daquele lugar" (SIQUEIRA 2018b: 16). Quebrar coco, buscar água na fonte, lavar roupa no riacho, pilar o arroz, catar o feijão são aprendizagens das experiências da vida rural de Maria de Lourdes Siqueira, são saberes ancestrais e comunitários importantes nos processos de escolarização quando articulado ao currículo, mas, infelizmente, ainda negados pela pedagogia cognitivista. A história do mundo que compreende por onde Maria de Lourdes Siqueira andou é rica de informações e dados que nos instigam a viajar junto com sua escrita autobiográfica.

Se a trajetória de Maria de Lourdes Siqueira até pode ser compreendida numa linha temporal, como registrada no livro autobiográfico À flor da pele: histórias dos mundos por ande andei, a atemporalidade transdisciplinar da sua produção está registrada em seu livro Siyavuma: uma visão africana do mundo, produção que podemos apreender seus pensamentos, leituras de mundo e produção intelectual. O livro foi escrito

em diferentes tempos e lugares ao longo de minha trajetória, mas sempre com o mesmo objetivo: a busca da compreensão da diversidade étnica e suas contribuições a todos os processos de construção da sociedade brasileira (SIQUEIRA 2006a: 5). O livro *Siyavuma* reúne anotações-roteiros elaborados por Siqueira para proferir em palestras e eventos. Nas palavras da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, que prefacia o livro, a obra

nos convoca a tomar suas anotações como pistas para instigar nossos pensamentos, sacudir nessas reflexões, repetir ou renovar questionamentos e indagações, traçar rumos renovados para conhecimentos que nos sentimos desafiados a construir (SILVA 2006: 7).

Os temas que permeiam o pensamento de Maria de Lourdes Siqueira estão articulados nos 35 artigos e anotações-roteiros organizados em seis partes, na conclusão e em um rico glossário do livro *Siyavuma*. Considerando a interdisciplinaridade da obra, destacarei os textos que tratam especificamente sobre a Educação.

No texto intitulado "Marcas culturais africanas no Brasil", que integra a Parte I, e que foi escrito para a Universidade de Brasília (UNB), Siqueira (2006) é categórica em afirmar que a tradição religiosa africana está presente em diferentes momentos da resistência negra, desde as organizações negras do início do século XVI até as décadas de 1930 e 1970.

Como também demonstra em sua tese, o fato de o Candomblé ser a manifestação religiosa responsável pela resistência e memória da cultura africana no Brasil, Siqueira (2006) cita as manifestações tradicionais como a *Irmandade da Boa Morte* em Cachoeira, os *Afoxés e Blocos Afro*, o *Bumba Meu Boi*, a Festa do Divino, a *Dança Afro-brasileira*, a *Capoeira*, os *Quilombos* e os *tambores*, como exemplos de algumas das marcas africanas religiosas, as quais referenciam e constroem o processo histórico brasileiro educacional.

Na definição de Siqueira (2006), a capoeira é uma das manifestações que mobiliza saberes necessários para a vida, como, por exemplo, a responsabilidade de ser um atento estudioso orientado por seu mestre, respeito pelos antepassados e pelo sagrado, o que estimula o desenvolvimento na postura de aprendiz. Para Siqueira (2006), essas manifestações marcam fortemente os processos e sistemas educacionais e formação de pessoas, por isso é necessária:

[a] redefinição e adequação dos currículos, concepção de material didático, preparação de material didático-pedagógico, concepção de espaço pedagógico de seus entornos, redefinição da relação professor/aluno dos processos de formação do professor. A lei nº 10.639/03 é uma exigência formal de processos para repensar todo o sistema educacional, a partir da inclusão concreta e coerente dos estudos de história e cultura africana nas escolas (SIQUEIRA 2006a: 18).

Considerando diferentes elementos para reconhecimento das marcas africanas nos processos e políticas educacionais e reparatórias, Siqueira (2006) projetou programas educacionais para o fortalecimento das pessoas negras com base em alguns indicadores fundamentais capazes de desenvolver: autoestima, consciência negra, orgulho de ser negro, a confiança no outro ou outra que é negro(a), conhecimento de nossa ancestralidade e a certeza de que nossos ancestrais nos legaram valores, costumes, crenças, tradições, conhecimentos, tecnologia e organização familiar.

As manifestações africanas estão presentes no cotidiano da população brasileira, que também está mais próxima das tradições indígenas e mais distante da visão de mundo europeia, assim, como enfatiza a Professora Maria de Lourdes Siqueira:

o Brasil inteiro se beneficia dos sabres, das tradições trazidas, mantidas e recriadas, transformadas em expressões religiosas, culturais, sociais e tecnológicas (SIQUEIRA 2018b: 19).

Os pressupostos educacionais articulados com a necessidade de repensar fundamentos da sociedade brasileira são reforçados nas anotações-roteiros de Siqueira para a sua participação da mesa de debate que compartilhou com a Professora Petronilha, no *II Congresso de Pesquisadores Negros* em 2002. No artigo "Cultura africana, racismo e educação" (SIQUEIRA 2006) nos indica bases fundamentais para o processo de formação de professores:

em síntese consideramos fundamental uma preparação de professores para incluir em seus programas de estudos e de ensino certos conhecimentos das civilizações africanas que seguramente contribuirão à construção e reafirmação de identidade e de autoestima (SIQUEIRA 2018b:25).

## Representatividade importa!

A Professora **Ana Celia da Silva** anotou seu endereço de email e o número de telefone no meu caderno de campo, no encontro organizado pelas pesquisadoras do grupo "Lendo Mulheres Negras", em agosto de 2001.

Observei e senti um jeito de produzir conhecimento com afetividade que vi poucas vezes na universidade. Foi uma roda linda, várias mulheres relembrando como conheceram a Professora Ana Celia. Para além da sua produção teórica, eu conheci pessoalmente a professora Ana Celia naquele dia e fiquei emocionada com a homenagem organizada por jovens protagonizadoras dos encontros Lendo Mulheres Negras. Uma

honra presenciar esse momento do aniversário de uma das grandes referências para a Educação Brasileira. Aquele momento que você confirma que precisava voltar para viver isso (Diário de Campo da Autora, Salvador, 25 de agosto de 2017).

Em outubro do mesmo ano, após o aceite para entrevista, fui à casa da professora Doutora Ana Celia da Silva para realizar a entrevista. Com toda disposição, a Professora me oportunizou mais de uma hora de entrevista, a conversa se estendeu ao convite para almoçar. Aceitei porque sentia fome de saber mais e não poderia, jamais, perder a oportunidade de estar ao seu lado, por mais alguns minutos.

De volta ao Brasil, após o Doutorado Sanduíche na Georgia State University — Atlanta-GA - Estados Unidos, o ano de 2019 me ensinou outros desafios sobre a sala de aula e as políticas educacionais. Durante um evento organizado pelo movimento negro, em Salvador, encontrei a Professora Ana Celia da Silva, que com autoridade ancestral me relembrou da importância dos cuidados com as histórias e trajetórias de vida e profissional das pessoas. Ana Celia me disse: "Cadê a tese? Você fez a entrevista e sumiu". Suas palavras me impulsionaram a pensar sobre a importância dos prazos e da ética no tratamento dos dados! Talvez a professora não tivesse recebido meus e-mails em que informei que, no ano de 2018, estaria fora do Brasil, mas o fato é que depois daquela chamada firme e ancestral, sentei-me mais rapidamente para concluir os capítulos da Tese.

Em 17 de outubro de 2019, no evento Diálogo: trocas e vivências com Ana Celia da Silva, em ocasião do lançamento do Espaço Griot criado pela Odara - Instituto da Mulher Negra<sup>6</sup>, em sua homenagem, tive a felicidade de ouvir, mais uma vez, Ana Celia e sua trajetória. Perguntei-a sobre quais bases e pilares definiriam os processos de formação de professores(as) no Brasil. Sua resposta, em suma, consistiu em defender a importância de trabalhar as pessoas para o fortalecimento do pertencimento étnico-racial e a outra

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Um acervo bibliográfico de intelectuais negras, sob as mais variadas perspectivas e disciplinas. As referências concernem à produção, sobretudo, brasileira de/sobre as contribuições do povo negro na formação cultural, histórica, política e religiosa, em diferentes períodos históricos. **Fonte:** Odara Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <a href="https://institutoodara.org.br/espaco-griot/">https://institutoodara.org.br/espaco-griot/</a>

questão básica é ter confiança, ter uma expectativa real positiva do seu aluno.

Figura 2 – Ana Celia da Silva



Fonte: Elaborado pela autora a partir do google imagens.

A intelectual soteropolitana Ana Celia da Silva nasceu em 25 de agosto de 1940. Quando criança Ana Celia queria ser jornalista, porque escrevia redações criativas na escola, mas seguiu carreira docente e, quando terminou o primário com 10 anos de idade, fez admissão para ginásio e posteriormente realizou cursos pedagógicos. Trabalhou nas Secretarias da Educação e da Cultura do Estado da Bahia, antes de ingressar no curso de Pedagogia, em 1965, quando ingressou com 24 anos de idade na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, atualmente Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo sido aprovada em terceiro lugar. Ana Celia da Silva diz: "o primeiro e o segundo lugar foram para duas filhas de professores".

Ana Celia concluiu o curso de Pedagogia em 1968 e fez concurso para professora do Ensino Médio no ano seguinte. Entre 1970 e 1990, Ana Celia foi docente no Centro Integrado Anísio Teixeira. Embora a Professora Ana Celia da Silva seja reconhecida como referência da Educação das Relações Raciais, sua inserção no campo da Educação antecede suas reflexões e produções teóricas na temática racial. A professora enfatiza que durante o curso de Pedagogia: "como eu disse para vocês, eu nunca ouvi falar de Zumbi, nem de quilombo na universidade, nunca nada" (SILVA 2019: s/n).

Foi a partir do Ilê Aiyê, em 1974, e depois, em 1978, com a formação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente Movimento Negro Unificado (MNU), que Ana Celia inicia estudos mais sistematizados sobre relações raciais no Brasil, quando integrou o Grupo Nêgo, grupo fundando em 1978

Em 1981, a pedagoga fundou no MNU, juntamente com seu irmão Jônatas Conceição, o *Grupo de Trabalho sobre Educação* denominado "Robson da Luz". Naquela ocasião, Ana Celia ministrou aulas de História e Cultura da África e Afro-brasileira em escolas de Ensino Fundamental: "essa"

militância me mostrou a necessidade de continuação dos Estudos" (SILVA 2017: 13).

Em 1984, Ana Celia ingressou no Mestrado em Educação na então denominada Faculdade de Educação, atualmente FACED da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E foi uma das três alunas negras no curso de Pósgraduação (MACHADO 2016, Memória da Educação na Bahia).

Um projeto de pesquisa publicado na Revista Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, publicado em 1987, registram as primeiras reflexões e intencionalidade de pesquisa de Ana Celia da Silva. No projeto de pesquisa intitulado "Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático de comunicação e expressão de 1º grau - nível 1", quando seu mestrado estava em curso, Ana Celia apresentou parte da metodologia e objetivos centrais da pesquisa. Durante o mestrado, Ana Celia aprofundou seus estudos sobre a Cultura Africana. Em 1986, no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), cursou a disciplina "Estudos Africanos com o professor Edivaldo Boaventura, a Bahia introduziu Estudos Africanos bem antes da Lei nº 10.639/03, a Bahia introduziu" (SILVA 2019 - Entrevista Memórias da Educação na Bahia).

Sua Dissertação de Mestrado defendida em 1988 e intitulada "Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático de comunicação e expressão de primeiro grau - nível 1³", posteriormente foi publicada em forma de livro sob o título *A discriminação do negro no livro didático* (2019).

A pesquisa consistiu em questionar se "professores de nível I percebem os preconceitos e estereótipos em relação ao negro veiculados nos livros didáticos de Comunicação e Expressão" (SILVA [1988] 2019) selecionou e analisou 82 livros didáticos de língua portuguesa de Ensino Fundamental, e "verificou que as ideologias de inferioridade e branqueamento são dominantes no livro didático" (SILVA [1988] 2019: 36-37). Do total de livros selecionados, apenas nove deles apresentaram uma representação positiva sobre o negro, "nos demais livros, o negro aparece como as formas de escravo, serviçal, caricaturados, desumanizado, como minoria e em último lugar nos grupos sociais" (SILVA [1988] 2019: 37).

A trajetória de militância e compromisso com a Educação de Ana Celia da Silva tem continuidade no doutorado, quando a professora ingressa, em 1997, no Programa de Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação da UNEB. E sob a orientação da Professora Maria de Lourdes Siqueira, Ana Celia defende, em 2001, a tese intitulada "As transformações da representação social do negro no Livro didático e seus determinantes",

Disponível em: <a href="http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1282/1283">http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1282/1283</a>

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> A Dissertação não foi localizada no Repositório da UFBA. É possível localizar o projeto de pesquisa com o mesmo título, nos *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, n° 63, 96-98, São Paulo, 1987: 96-98.

publicada pela EdUFBa, em 2011, com o título A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?

No campo acadêmico, Ana Celia da Silva é reconhecida como pesquisadora precursora na análise sobre a discriminação do negro no livro didático e, em minha análise, os resultados da sua pesquisa não estão restritos ao campo das relações raciais; pelo contrário, seu trabalho tem relevância na problematização sobre o currículo oficial, o mercado editorial, bem como sobre a formação racista de ilustradores(as) e escritores(as) brasileiros(as) e, principalmente, sobre os impactos desses diferentes fatores na formação de professores(as).

Ana Celia define sua experiência e atuação:

na área de Educação, com ênfase em Currículos específicos para níveis e tipos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estereótipos em relação ao negro no livro didático de Língua Portuguesa das séries iniciais, desconstrução, representação social do negro nos livros didáticos de Língua Portuguesa das séries iniciais, e educação das relações étnico-raciais (CV Lattes, Base Sucupira CNPa).

#### A guardiã da ancestralidade africana na educação

Vanda Machado tem trajetória temporal para ser a minha avó, aliás, todas as professoras participantes da pesquisa. Esse tempo e possibilidade de espaço estimula minha escrita e projeções de vida e trabalho. Na Bahia, quando eu cursava o Ensino Médio, sempre ouvia seu nome como referência na área de Educação. Foi longe da Bahia e, quando na graduação em São Paulo, contexto em que passei a questionar o currículo de formação de professores(as); então recordei o seu nome como uma potência do pensamento educacional no Brasil.

Em 2013, durante uma das atividades do projeto A Cor da Cultura, voltado para a formação de implementadores(as) da Lei nº 10.639/03, em Teresópolis (Rio de Janeiro), Vanda Machado era palestrante no evento. Naquele dia, eu só pude nutrir o orgulho de ser baiana. Após ouvi-la, guardei a imagem daquela professora e posteriormente inclui sua biografia e bibliografia no espoco das minhas pesquisas.

Em agosto de 2019, ocorreu a 3ª Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELÔ), então fui em busca de Vanda Machado, pois queria seu aceite para participar da minha pesquisa, comprei seu livro intitulado Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira, lançado na Festa, na Igreja do Rosário dos Pretos. No autógrafo, a professora deixou uma mensagem carinhosa e o e-mail para que eu pudesse entrar

em contato. Levei alguns dias para contatá-la novamente, pois estava atenta e concentrada na leitura da sua produção, não queria fazer uma entrevista sem me aprofundar cuidadosamente na sua produção. Horas depois de enviar o email, recebi a resposta: "eu me coloco inteiramente à sua disposição".

Na etapa seguinte, dediquei-me a assistir aos vídeos de entrevistas de Vanda Machado, e constatei que sua trajetória e concepção educacional são tão amplamente marcadas que respondiam todas as minhas questões de pesquisa. Ao me apropriar e transcrever as entrevistas. novamente, a professora me respondeu que estava em viagem. O meu tempo de pesquisadora e o de Vanda como participante da pesquisa não se coadunaram, então foi preciso respeitar o tempo. Não a entrevistei, não naquele período de escrita da tese, e como o caminho se faz caminhando, a energia cíclica promoveu o encontro no tempo devido, posteriormente foi possível dialogar e aprender mais com Vanda Machado na atividade que organizei, denominada "A formação de professores(as) na perspectiva teórica de Vanda Machado" 8.



Figura 3 – Vanda Machado

Fonte: Elaborado pela autora a partir do google imagens.

Um fato que marca o início da carreira de Vanda Machado como docente é a sua atuação na *Escola Joana D'Arc* (EJD), no período entre 1969

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> A formação de professores(as) na perspectiva teórica de Vanda Machado. Considerando a necessidade de ampliar diálogos para possibilitar que mais pessoas conheçam as potentes e significativas concepções de educação de Vanda Machado, articulei a agenda/entrevista ao cronograma de Estudos do GEPEE/IAT.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d8SURO5dBis

e 1982. A Escola foi fundada porque ela queria uma escola diferente (Museu da Pessoa, Entrevista Memória dos Brasileiros com Vanda Machado, 2015)<sup>9</sup>.

Durante 21 anos na referida escola (Joana D'Arc), exercitei a possibilidade de trabalhar com as crianças das primeiras séries, participando da referência Cultural do lugar. Juntamente com Balbino Cabral, trabalhava o tema "raízes culturais" com o estímulo da Organização Mundial da Educação Pré-Escola (OMEP) na qual militei por quase 20 anos e fui agraciada com o Diploma de Honra ao Mérito (MACHADO 2015: 21).

Como experiência na Educação de crianças, registra-se em seu currículo a atuação na Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (OMEP), no período entre 1972 e 1982. Na Educação Superior, Vanda Machado atuou como professora convidada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na qual ministrou as disciplinas de História e Cultura Afro-Brasileira; Ensino-Aprendizagem/Especialidade: Educação e Cultura Afro-Brasileira; Currículo; e Teologia Prática.

A atuação profissional de Machado foi centrada na Educação Básica e na política pública para a Educação. Atuou como professora formadora na Secretaria Executiva de Educação do Estado de Alagoas (SEAL), no período entre 2004 e 2006, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador (SMEC), no período entre 1995 e 2003, e foi assessora na Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT).

Vanda Machado possui graduação em História pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), e especializações em Metodologia do Ensino Superior e em Estudos da História e Culturas Africanas. Sua Dissertação de Mestrado em Educação foi intitulada "Formação de conceitos a partir do universo cultural da criança afrodescendente", defendida em 1986 na UFBA, e teve como lócus de pesquisa a Escola Eugenia Anna, no terreiro Ilê Opô Afonjá. Foi nesse contexto que Vanda Machado iniciou as bases da sua epistemologia de aprendizagem, isto é, a "possibilidade de tomar elementos da cultura afro-brasileira como perspectiva de formação de conceitos" (MACHADO 2019: 39). Para Vanda Machado, o processo educativo deve estar vinculado à vida, por isso a aprendizagem e cultura caminham de maneira interrelacionada.

Assim creio que se colocada a cultura afro-brasileira como quadro motivacional para uma das perspectivas principais no que diz respeito à aprendizagem das crianças de qualquer comunidade afrodescendente, poder-se-ia dizer mesmo que com muitas dificuldades seriam resolvidas (MACHADO 2019: 73).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=7wEKkc2pDjo">https://www.youtube.com/watch?v=7wEKkc2pDjo</a> Acesso em: outubro de 2019.

A pesquisa de mestrado de Machado (1986) pode ser caracterizada como uma proposta na qual "a aprendizagem significava centrada na educação como política para o desenvolvimento da pessoa plantada na cultura do lugar" (MACHADO 2019: 21). Ela afirma que:

... quando, em 1985, entrei no mestrado em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), já levava comigo a ideia de pesquisar uma base científica capaz de dar sustentação à prática pedagógica iniciada na Escola Joana D'Arc, em Paripe, subúrbio ferroviário de Salvador (MACHADO 2019: 21).

Ao mapear a produção e trajetória de Vanda Machado, a sua história de vida me ensinou muito sobre práticas de vida, para além das teorias. Com o falecimento dos pais, Vanda Machado sendo a irmã mais velha foi a responsável pela criação das outras cinco irmãs. A sua experiência de matriarca é um exemplo de continuidade dos princípios das sociedades africanas, que, em uma perspectiva ética afrocentrada (BANKOLE 2009), pode ser entendida como um modo de se relacionar estrategicamente, travando combate com a estrutura de poder.

Vanda Machado e suas irmãs fundaram uma escola como meio de sobrevivência, e por compromisso na formulação de "outras possibilidades de lidar [...] com os diferentes modelos engessados que nos foi apresentado durante os cursos que nos formaram como profissionais" (MACHADO 2019: 21). O projeto de uma escola diferente nasceu das memórias e vivências de Vanda Machado, que acreditou em uma escola para todos as crianças, com referências epistemológicas e saberes africanos independente pertencimento étnico-racial ou filiação religiosa. O racismo religioso e seus efeitos nefastos e violento que vitimizam membros das religiões de matriz africana no Brasil, impedem o reconhecimento da importância das culturas africanas na formação social, política, intelectual e material do país. O Candomblé é uma experiência afrodiaspórica e política que, para além da sua função religiosa, também é responsável pela preservação e memória dos negros na diáspora. Para Machado (2019), os elementos afro-brasileiros, como os mitos, danças, músicas, cantos são referências motivacionais para compreensão da realidade e da aprendizagem significativa das crianças, já que interconectam "história, o direito, as ciências, a ética e a tradição, que não se confunde com os fundamentos ou os segredos da religião" (MACHADO 2019: 67).

A bases teóricas e vivências práticas durante o mestrado potencializaram o seu projeto pedagógico pioneiro denominado Irê Ayó, na Escola Eugênia Anna. O pensamento africano é fundamental para a construção do Projeto Irê Ayó, já que sua base "reúne valores criadores de identidades e fecundidades de comportamentos solidários e coletivo" (MACHADO 2017: 139).

O Projeto Irê Ayó, foi concebido, então, pela escuta das múltiplas vozes do cotidiano da comunidade Afonjá, pelas memórias, pelas vivências repetidas que se fundamentaram em experiências de pensamento migrados de lugares onde somente o cognitivo não alcança. Lugar onde a complexidade abraça realidades ampliadas e projetadas a partir de condições que incluem a ancestralidade, a memória, o corpo, o tempo e o espaço (MACHADO 2017: 23).

No livro Pele da cor da Noite (2013), Vanda Machado compartilha histórias da sua caminhada heurística percorrida à luz do pensamento africano recriado na diáspora, e sua consequente transformação em ações pedagógicas. O livro é resultado da sua tese, defendida em 2006 e intitulada "Àqueles que tem na pele a cor da noite: ensinâncias e aprendências com o pensamento africano recriado na diáspora". Para Vanda Machado, a singularidade da sua história de vida está nos fundamentos que sustentam a religião de matriz africana e nos seus mitos cosmogônicos. Assim, com uma epistemologia fincada nas raízes africanas e saberes locais, Vanda Machado destaca a importância de valorizá-los.

Na defesa de uma educação pela cultura, Vanda Machado ensina aos professores o valor da Educação referenciada nos saberes ancestrais, na cultura e experiência local. O pensamento intelectual de Vanda Machado articula-se com a concepção de Joyce King (2012), que defende que não há excelência acadêmica sem excelência cultural. Em suma, ambas estão afirmando que as experiências culturais da população negra são saberes potentes e necessários aos processos de ensino e aprendizagem.

Eu penso que educar é conhecer (...) nascer junto (...), educar não isso que a gente tá fazendo, (...) a gente precisa de uma escola que fosse do bairro, e as pessoas fossem entrando para a escola (...) que a merendeira girasse... lá na Eugênia Anna é assim, entrasse na sala, saísse, conversasse também, desse palpite nas coisas que estão acontecendo, sem perder de vista a necessidade formativa (...) que não seja uma instrução, que seja um aprender para a vida, porque o aprender para o vestibular não está dando certo, a gente continua um país deseducado (MACHADO 2017: s/n. Entrevista Memórias da Educação da Bahia).

A professora Vanda Machado é uma guardiã da educação ancestral. Como nas palavras de Machado (2017), os processos educacionais podem ser mais significativos se o conceito de escola for aberto, com ampla participação da comunidade, bem como valorização e incorporação das experiências das merendeiras e outros profissionais da Educação no currículo.

#### A conselheira nacional

38

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva nasceu em 29 de junho, no mesmo dia em que minha mãe nasceu, mas ela é da geração da minha avó. Como uma pesquisadora que também mobiliza afetividade e o coração para produzir conhecimento, saber a data de aniversário da Professora Petronilha aumentou minha motivação para escrever. Eu já tinha várias semanas sem conseguir concentração na escrita, e ficava me perguntando: como e o que escrever sobre a Professora Petronilha? Motivada pelo dia 29 de junho, reli sua biografia registrada no livro Entre Brasil e África, para aprender mais sobre sua trajetória de vida e acadêmica, tornando-se "professora de pele negra, com percepções, pensamentos, ações que buscam raízes no Mundo Africano." (SILVA 2011: 13). A Professora Petronilha compôs a minha banca de mestrado e dentro muitas recomendações que acolhi de sua arquição é de que "trabalho é para a gente fazer do jeito próprio, mesmo que seja diferente do de outros."



Figura 4 – Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Fonte: Elaborado pela autora a partir do google imagem.

Poderia ter nascido em qualquer lugar da diáspora africana ou na própria África, mas nasceu na Rua da Esperança: "tudo começa na Colônia Africana", na casa onde nasci, originada de mãe professora e de pai

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> "Colônia Africana: como começou a remoção dos negros para a periferia de Porto Alegre" (Rede Brasil Atual, 03/04/2017).

Disponível em: <a href="https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/04/colonia-africana-como-teve-inicio-a-remocao-dos-negros-para-a-periferia-de-porto-alegre/">https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/04/colonia-africana-como-teve-inicio-a-remocao-dos-negros-para-a-periferia-de-porto-alegre/</a>
Acesso em: março de 2020.

construtor, no dia de São Pedro e São Paulo, em 1942" (SILVA 2011: 15). O bairro de Porto Alegre, hoje denominado *Rio Branco*, chamava-se *Colônia Africana* por ter abrigado ex-escravizados e seus descendentes no pósabolição.

Petronilha aprendeu a analisar os processos educacionais e suas variáveis ao redor da mesa nas aulas particulares ministradas pela mãe. A mãe de Petronilha foi a primeira mulher negra a receber o título de Professora Emérita do Estado do Rio Grande do Sul. As referências de casa, da rua e da escola alertaram-na que: "se estudava para lutar" (SILVA 2011: 23). Também aprendeu a desconstruir a falácia da meritocracia ainda na infância, quando ao ser vencedora de um concurso de verso na escola, a mãe a alertou que "quem recebe mais oportunidade de obter conhecimento não tem mais mérito do que os não atingidos por esses privilégios" (SILVA 2011: 25). Notou desde a infância que "poucas professoras eram negras, muitas se conheciam e teciam laços mais fortes ou mais tênues de amizade, até mesmo com meio de enfrentarem mais facilmente o racismo" (SILVA 2011: 37).

Sendo uma das três mulheres negras ingressantes na Faculdade de Filosofia da UFRGS, Petronilha formou-se em Letras, em 1964, com a matriz curricular clássica: "meus estudos na Universidade, nesse período, me forneceram elementos para entender como se construía 'a civilização' e as pistas para mais tarde fazer a crítica" (SILVA 2011: 29).

As críticas contundentes aos processos educacionais, realizadas pela professora Petronilha, foram se acumulando ao longo de sua produção, e tem

se concentrado na explicitação de raízes africanas para o pensamento educacional negro brasileiro, na busca de metodologias para a formação de estudo de Africanidades, na proposta de teoria pedagógica que permita pensar a educação brasileira na diversidade de suas raízes sociais e étnico-raciais (SILVA 2011: 168).

A experiência por diferentes escolas da Educação Básica introduziu a Petronilha no campo da Didática, formando uma docente preocupada com os métodos de ensino, como ensinar sem constranger e com crítica aos métodos cognitivos:

com essas observações que ia fazendo no dia a dia das aulas, foi se delineando o eixo em torno do qual gravita minha atenção, seja no campo didático ou no científico: processos de ensinar e seus resultados, processos de aprender (SILVA 2011: 51).

Nesse contexto, Petronilha observou que os planejamentos e as linguagens da classe média ainda eram utilizados para tratar das classes populares, por isso o trabalho na escola precisava ir além dos regimentos, isto é,

precisava abranger muito mais do que uma lista de objetivos, de conteúdo, de procedimentos didáticos, tinha que estar imbricado na realidade social, na realidade vivida pelos alunos e suas famílias (SILVA 2011: 57).

Fazendo-se pesquisadora, Petronilha ingressou no Mestrado em Educação na área de concentração em *Planejamento de Sistemas de Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Educação* da UFRGS, e acumulou experiências de gestão educacional.

A passagem pela administração da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul possibilitou sua indicação para desenvolver estágio e planejamento da Educação no Instituto Internacional de Planejamento da Educação (IIPE) da UNESCO. A Professora Petronilha afirma que as experiências proporcionadas por esse estágio a possibilitou

compreender que para planejar a educação em nível macro, como dizíamos, era preciso conhecer e respeitar, no seio de uma mesma sociedade, visões de mundo dos diferentes grupos étnico-raciais, perspectivas políticas diversas (SILVA 2011: 64).

Seu ingresso na docência universitária se deu em 1972, quando assumiu a função como professora horista para lecionar a disciplina de "Língua Portuguesa: habilidade de linguagem escrita — Redação técnica" na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também lecionou "Metodologia do Trabalho Científico" e foi docente no curso de "Especialização em Supervisão Escolar", na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Em 1987, Petronilha B. G. e Silva defendeu a tese intitulada "Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro", mencionada por Luana Santos como "um dos primeiros estudos do campo da educação a abordar a interseccionalidade classe e raça no território da educação" (SANTOS 2018: 72). Petronilha B. G. e Silva afirma que a pesquisa encomendada pela União e Consciência Negra, em 1987, sobre os modos de vida da população negra "foi um dos pilares para que pudesse identificar e compreender o pensamento de raiz africana em suas expressões materiais e imateriais" (SILVA 2011: 92), embora ainda naquele período, a pesquisadora não fazia menção ao conceito de Africanidades.

Assim, a Professora Petronilha nos explica que o conceito de africanidades ganhou contornos mais precisos no planejamento para sua participação no Seminário Regional de Metodologia de Ensino da Cultura Afro-brasileira, de 1995, em que ministrou a oficina "Elementos principais de uma metodologia de ensino da cultura afro-brasileira". E desde então, o conceito está presente nas suas aulas, pesquisas e outras atividades de militância (SILVA 2011).

A excelência e comprometimento da Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva no campo da Educação a fez ser reconhecida pelo movimento negro brasileiro como um nome fundamental para ocupar a vaga no Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2002. Como Conselheira, foi porta-voz das demandas da população negra na Educação. Para levar propostas sistematizadas ao CNE, articulou-se estrategicamente com outros(as) pesquisadores(as) que atuavam em funções públicas estratégicas em Brasília.

A aprovação da Lei nº 10.639/03 exigiu do CNE a elaboração de regulamentações para a implementação da Lei, e a atuação e presença da Professora Petronilha foi fundamental na escuta e tradução das demandas educacionais. A Professora Petronilha promoveu, no NEAB/UFSCar, Reuniões de Trabalho para elaboração e avaliação do texto do Parecer CNE/CP 003/2004 e da Resolução CNE/CP 001/2004, que regulamenta a Lei nº 10.639/03, adotando diferentes estratégias de diálogos com a comunidade acadêmica e não acadêmica representante das diferentes regiões do país (CARDOSO 2016). A Lei nº 10.639/03 aqui representado pela trajetória e produção da Professora Petronilha B. Gonçalves e Silva, é um indicador de que o processo de formação de professores(as) deve reconhecer, implementar e implantar os marcos históricos e legais da educação.

## Uma intelectual afrodiaspórica

Em 2018, tive a oportunidade de cursar o Doutorado Sanduíche na Georgia State University e aprender com a metodologia de orientação de **Joyce King**, que aprimorou o que aprendi com minha orientadora Tatiane Rodrigues. Independência intelectual e autoconfiança são dois dos princípios presentes na metodologia de orientação de ambas.

Durante o intercâmbio, uma das primeiras atividades que Joyce King me atribuiu foi a criação de uma linha do tempo, e acredito que essa metodologia influenciou fortemente o estilo de organização dos dados da minha pesquisa; localizando os fatos no tempo e espaço. A metodologia de Joyce King pode ser resumida em lembrete sobre a importância do foco se manter estudando, e pode ser ilustrada como uma mensagem na sua caixa de e-mail cujo assunto é Happy Sunday e muitos artigos anexados.

A conexão entre as professoras Joyce e Petronilha fomentou muitos intercâmbios acadêmicos de pesquisadoras da América Latina para os Estados Unidos, uma linha analógica ao underground railroad, fazendo referência à prática de libertação de Harriet Tubman. Cerca de seis pesquisadoras

brasileiras<sup>11</sup> foram orientadas por Joyce King na GSU na última década.

Durante o intercâmbio na GSU, em uma das nossas reuniões de orientações, perguntei para Joyce King: "O que nós brasileiros(as) poderíamos aprender com os Estados Unidos no campo da Educação?". A resposta da professora, que defende a Educação articulada com as suas interfaces locais e comunitárias, foi a seguinte: "primeiro, olhe para os exemplos educacionais do Brasil, reveja os trabalhos do Olodum. Quando fui ao Brasil, vi um projeto educacional muito interessante. Pergunte à comunidade o que ela precisa." (Registro da reunião de orientação, 2018).

Depois de um certo período durante o intercâmbio na GSU - Atlanta, a professora Joyce King passou a assinar os emails usando seu nome carinhoso, Nana. Junto com o carinho, permanência a intensidade de trabalho e indicação de leituras. Após ser autorizada a sair da formalidade no modo de tratamento de Dra. King, para chamá-la carinhosamente de Nana me mantive profissional no trabalho e ainda mais comprometida, pois ali fortalecia-se um laço de confiança e respeito mútuo.



Figura 5 - Professora Joyce Elaine King

Fonte: Elaborado pela autora a partir do google imagens.

– Cardoso - Rodrigues – rotas insurgentes de intelectuais negras

42

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Tatiane Rodrigues e Simone Gibran. A mais recente underground railroad foi viabilizada pelo Programa Abdias Nascimento e possibilitou a conexão de uma estudante de mestrado, em 2017 (Fernanda Vieira), e duas de doutorado (Camila Rosa 2017 e Ivanilda Amado Cardoso 2018). Como continuidade das conexões, via CAPES/Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, a estudante de doutorado Karina Souza também realizou intercâmbio, em 2018 – 2019, na GSU sob a supervisão de Joyce King.

Joyce Elaine King nasceu no ano de 1949, em Fresno, Califórnia, e cresceu na cidade de Stockton. Durante o desenvolvimento da pesquisa perguntei sobre sua autobiografia e Joyce King informou que, até aquele momento, ainda não havia escrito, mas que um texto enviado para a AERA expressava parte da sua trajetória. O texto intitulado "Staying Human: Forty Years of Black Studies Practical-Critical Activity in the Spirit of (Aunt) Jemima" registra seu percurso de 40 anos de ensino, investigação e ativismo pautado na prática-crítica da Black Studies. A autora descreve sua resistência à supremacia branca, racismo e alienação do espírito de (Tia) Jemima<sup>13</sup>, fundamentada na epistemologia e espiritualidade feminina.

O Programa da disciplina Sociology of Inner-City Children, ministrada por Joyce King na primavera de 2018, nos indica elementos da sua concepção de formação de professores(as):

Este curso apresenta aos alunos de pós-graduação o estudo da vida de crianças que vivem em comunidades urbanas empobrecidas na América - a "cidade do interior". O foco deste curso será um delineamento de uma miríade de questões (sociais, políticas, históricas, econômicas, ideológicas e culturais), que impactam as vidas e a educação das pessoas que vivem nessas comunidades. Também consideraremos alternativas ao status quo (KING 2018: s/n) [Interpretação nossa].

Para Dra King, o racismo é uma forma de conhecimento. A partir dessa ideia, a socióloga desenvolveu na década de 1990 o conceito de dysconsciouness<sup>14</sup>, para designar a alienação e ausência de reflexão crítica dos seus/suas alunos(as) e futuros(as) professores(as) em formação sobre as desigualdades e o contexto histórico no qual estão inseridos(as) como docentes. Essa alienação como um ato de pensar é consequência da miseducation, argumentação essa desenvolvida no artigo "Dysconciouness Racism: ideology, indentity and the miseducation of teacher", no qual King (1991) detalha sua metodologia de formação de professores(as). Sua metodologia consiste em propor que os(as) estudantes examinem seus próprios conhecimentos, experiências de vida, ideologia educacional e Filosofia de Educação, no sentido de serem capazes de refletir e analisar

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Permanecendo Humano: Quarenta Anos de Atividade Prático-Crítica de Estudos Negros no Espírito de (tia) Jemima (tradução livre).

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Marca de xarope da Quaker que trazia, entre 1890 e o início de 1920, a representação de uma mulher negra de forma estereotipada, como o personagem *mammy*. A personagem era interpretada por Nancy Green, ex-escravizada e primeira modelo <u>afroamericana</u> contratada para promover uma marca corporativa.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Ausência de Consciência [Interpretação nossa].

criticamente o contexto social no qual estão inseridos e que forjou suas crenças sociais, já que essas crenças influenciam as práticas pedagógicas.

No livro intitulado *Preparing teacher for cultural diversity*<sup>15</sup> organizado por Joyce King, Etta R. Hollins e Warren C. Hayman, no âmbito do artigo *Thank you for opening our minds*<sup>16</sup>, King (1997) apresenta discussões sobre um programa de formação de professores(as) na *Santa Clara University* (SCU), no qual, como docente, descreve sua experiência de formação de professores(as) entre 1982 e 1994, possibilitando aos estudantes mudarem seus esquemas cognitivos e afetivos que limitam seu entendimento e comprometimento com um ensino transformativo (KING, 1997).

Para King (1997), o modo de pensar implica uma escolha moral. Dessa forma, em sua filosofia, a concepção de formação de professores(as) está pautada na ideia de que o(a) professor(a) deve estar preparado(a) para ensinar a todos(as), apoiando-se em uma forte fundação de conhecimento cultural, tendo sensibilidade para as diferenças culturais e sendo um(a) multiplicador(a) de expressões culturais pelas quais possam ser vividas afetuosas experiências de aprendizagem.

Para a socióloga, os(as) professores(as) devem ser capazes de realizar uma autorreflexão e autodefinição, de modo a refletir como isso implica na sua prática docente, conforme afirmou:

meu método de ensino testa a capacidade dos(as) alunos(as) de reconhecer e transcender a visão de palavra predominante e abraçar uma identidade pessoal e profissional não fundamentada nas suposições e crenças da supremacia branca/racismo ou no objetivo de assimilação (KING 1997: 165) [Interpretação nossa]<sup>17</sup>.

Ao propor uma resposta pedagógica para a mis-education e a dysconciouness, a metodologia de Joyce King provoca os(as) professores(as), em processo de formação, a refletirem acerca de suas experiências e analisarem o sistema pelo qual foram socializados(as), o que possibilita que questionem suas próprias mis-education. Joyce King defende que o(a) professor(a) precisa refletir sobre as ideologias de seus conhecimentos.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Preparando professores(as) para a diversidade cultural [Interpretação nossa].

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Obrigada por abrir nossa mente [Interpretação nossa].

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> My method of teaching test students' ability to recognize and transcend the predominant wordview and to embrace a personal and professional identify not grounded in the assumptions and beliefs of white supremacy/racismo or the goal of assimilation (KING 1997: 165).

Uma preocupação central da perspectiva Black Education e dos Black Studies, entre algumas variações da sua abordagem multicultural, é responder como a Educação pode ser usada para preparar a população negra. Em sua perspectiva de Black Studies e Black Education, Joyce King amplia o questionamento para buscar a resposta de como a pesquisa pode se tornar uma forma de Black Education.

A tarefa analítica das práxis do *Black Studies* e da *Black Education* é desfazer as formas de conhecimento que sustentam injustiças e inequidade racial na Educação, de modo a encontrar caminhos para responder à pergunta do(a) pesquisador(a) do *Black Studies*, Clovis Semmes: "onde está a filosofia social, a teoria social, política e econômica que pode mudar a condição do afro-americano?" (SEMMES: 72 apud KING 2017: 23)¹¹ª. Para King, o *Black Studies* oferece possibilidades de uma epistemologia crítica e social da realidade, e uma reorganização social do conhecimento (KING 1994: 351).

Na década de 1960, no intenso cenário do Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, três fatos históricos foram importantes para a definição do Black Studies: o assassinato de Malcom X, a marcha Black Power em 1966, e o assassinato de Martin Luther King em 1968. Neste mesmo ano, o Negro History Week, evento iniciado por Carter Woodson.

Epistemológica e axiologicamente, o *Black Studies* distingue-se do conceito de *Negro History*, em razão de que o primeiro ao invés de focalizar as contribuições dos negros para América, como faz o segundo, questiona o próprio significado de América.

Durante o século XX, pesquisadores(as), estudantes negros(as) e brancos(as) interessados(as) em aprender sobre a experiência negra passaram a reivindicar a inclusão desses temas nos currículos oficiais das universidades. O *Black Studies*, enquanto perspectiva teórica, foi aceito antes de sua total definição.

Uma Educação transformativa para a Educação do negro foi a proposta de Joyce King no livro Black Education, publicado como resultado da Comissão de Pesquisa na Educação dos Negos¹9 da AERA. A pergunta central da obra é: "como a pesquisa educacional pode efetivamente melhorar a vida de pessoas negras e avançar na compreensão humana?" O primeiro capítulo escrito por Joyce King apresenta a perspectiva teórica e epistemológica referente ao pensamento intelectual negro, e alternativas para a inclusão em uma perspectiva não hegemônica. O texto também propõe uma visão transformativa da Black Education como uma compreensão fundamental para a liberdade humana e um mundo civilizado, no qual o bemestar da humanidade esteja ligado ao bem-estar material e espiritual.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> "Where is the social philosophy, the social, political and economic theory that could change the condition of africanamerican" (SEMMES 72 apud KING 2017: 23).

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Commission On Research in Black Education: <a href="http://www.coribe.org/">http://www.coribe.org/</a> Acesso em novembro de 2019.

King (2005) discute sobre a crise da *Black Education* na diáspora africana como um resultado do imperialismo e da missão educacional de aniquilação cultural, econômica e subordinação, baseada em falsas hipóteses de inferioridade genética e ausência de motivação da população negra. Frente às críticas, os(a) autores(as) do livro apresentam alternativas à hegemonia da Educação missionária.

Assim, o livro *Black Education* é uma alternativa para todas as pessoas envolvidas nos processos educacionais, justamente "porque faz a tarefa de casa", uma vez que as pesquisas e práticas presentes na obra oferecem uma crítica desafiadora para o pensamento ortodoxo, para as justificativas da missão civilizadora e horrendas consequências do colonialismo.

Convidada a compor a publicação, a professora Petronilha escreveu o artigo intitulado "A New Millennium Research Agenda in Black Education: Some Points to Be Considered for Discussion and Decision". Sua perspectiva afrodiaspórica e transnacional registrada no livro é assertiva, ao considerar que, "nos Estados Unidos e no Brasil, precisamos desenvolver propostas e estratégias para melhorar os programas de preparação de professores que sejam apoiados pelas melhores práticas para a educação da população afrodescendente" (SILVA 2005: 306) [Interpretação nossa²º

O status da Black Education nos Estados Unidos, bem como a desumana situação das pessoas negras colocam em questão os valores e proclamações do ocidente e, ainda, indicam não apenas o estado dos problemas educacionais que atingem essa população, mas em uma escala global, demonstram a crise no ocidente. A Black Education é uma perspectiva importante para a liberdade negra e para o processo específico de percepção cognitiva pelo qual os(as) professores(as) podem conhecer a realidade. Um princípio defendido por King é o de que a Educação e a experiência de vida dos descendentes de africanos estão interconectadas.

A chamada da *Black Education* por uma Educação para a liberdade questiona o cânone e o currículo, considerando que esse não é apenas acadêmico, mas é atravessado por interesses liberais e conservadores, e perpetuado por políticas educacionais como os *vouchers School* e os discursos de igualdade educacional, sem considerar a equidade, o que provoca lacunas no processo de aprendizagem (*achievement gap*). Para King, a luta contra o racismo na Educação demanda resistência nos livros multiculturais e esforços para inclusão da linguagem afro-americana na escola. A linguagem é outra dimensão muito importante para a autora.

Para Joyce King, os caminhos possíveis para a uma Educação libertadora está pautada na abordagem do *Black Studies*, afrocentricidade e *heritage knowledge*. A autora define *Heritage Knowledge* como um conceito mais apropriado do que *cultural knowledge* e mobiliza o primeiro

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> "[..] in the United States and Brazil, we need to develop proposals and estrategies to improve teacher preparation program that are supported by the best practices for educating African descent population" (2005: 306).

para descrever o que os(as) estudantes precisam saber sobre sua própria cultura e história. Para a autora, o *Black Studies* é um importante quadro teórico na crítica ao currículo escolar produzido em uma perspectiva branca, desde que esse campo desafia a ideologia dominante produzida pela supremacia branca a qual continua a criar mitos sobre as pessoas.

Nas críticas de King, o fechamento de escolas, a política de vouchers, a redução drástica dos professores(as) negros(as) em New Orleans, por exemplo, são sinais da crise na Black Education que contribui para o aumento do encarceramento de crianças nos Estados Unidos. A política de tolerância zero como resposta à indisciplina escolar é conhecida como school-to-prison pipeline, uma expressão que designa o fato de as crianças perseguirem uma trajetória da escola para a prisão.

Para King o desconhecimento da História e da herança de conhecimento produzido, elaborado e vivido pelas pessoas negras provoca a miseducation. Por isso, defende um currículo informado por uma epistemologia africana e, nessa perspectiva, a comunidade de pesquisadores(as) pode recuperar as narrativas e legados esquecidos. Para a autora, a pesquisa acadêmica precisa ser um instrumento de Educação para a liberdade.

Joyce King trabalha na perspectiva de relacionar a pesquisa acadêmica com o desenvolvimento comunitário. Uma problematização central em seus trabalhos está expressa pelo questionamento: How can you return what you learned to community?<sup>21</sup> (KING 2018).

King (2012) propõe uma noção de ensino emancipatório que está aliado com uma compreensão da América negra em uma perspectiva crítica, a partir da epistemologia dialética e do ensino por meio da Cultura e Arte. A autora defende a conexão dos(as) estudantes com suas famílias, desenvolvendo um sentimento positivo sobre si mesmo e sobre o grupo étnico-racial ao qual pertencem, o que possibilita a constituição de uma consciência negra crítica e um resgate histórico.

Para a professora Joyce King (2012), não se alcança a excelência acadêmica sem a excelência cultural, senso de identidade pessoal e comunal. Por isso, as crianças precisam aprender sobre o que aconteceu com suas famílias, seu bairro e seu povo, bem como ter oportunidade para desconstruir imagens racistas. Essa perspectiva implica aprender sobre resistência, usar as diferentes formas culturais de expressão, epistemologias dialéticas, em razão de que, para King, o ensino e aprendizagem devem estar pautados na cognição, afeto e arte.

Joyce King é uma intelectual afrodiaspórica, porque suas análises educacionais atravessam fronteiras e suas análises convida a academia brasileira, na agenda da internacionalização, a reformular o currículo e

47

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Como você pode devolver o que aprendeu à comunidade? [Interpretação nossa].

<sup>–</sup> Cardoso - Rodrigues – rotas insurgentes de intelectuais negras

práticas incluindo a biografia e bibliografia de intelectuais da escala global fora do eixo europeu, para promover a formação de professores(as).

## Considerações finais

O campo da Educação das Relações Étnico-Raciais apresenta uma vasta produção de metodologias e possibilidades consolidadas, visto que viemos de um longo processo histórico de ações individuais e coletivas de instituições culturais e acadêmicas, pesquisadores(as), militantes e educadoras(as) negros(as).

Os percursos e dados apresentados neste artigo e detalhado na pesquisa de doutorado, reafirmam que a trajetória de vida e a produção bibliográfica das intelectuais insurgentes Ana Célia da Silva, Joyce Elaine King, Maria de Lourdes Siqueira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Vanda Machado são potencialidades epistemológicas para o campo da formação de professores, isso porque, estas pesquisadoras produziram conceitos fundamentais para repensarmos a política educacional brasileira e os elementos estruturantes qualitativos e quantitativos pertinentes aos processos de ensino e aprendizagem.

A partir das biografias e bibliografias das intelectuais, podemos apreender um programa de formação de professores a partir de quatro tópicos fundamentais, representados nas biografias e bibliografias das intelectuais negras:

- 1. Obrigatoriedade de uma Educação referenciada nos marcos legais da Educação das Relações Étnico-Raciais e na luta histórica do movimento negro;
- 2. Relevância das representações positivas e da revisão dos recursos didáticos e paradidáticos;
- 3. Urgência na formação de novas epistemologias educacionais;
- 4. Perspectiva transnacional e diálogos afrodiaspórico na ampliação das reflexões e práticas docentes.

Nas produções da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, localizamos indicadores de que as agendas e demandas da sociedade civil são aspectos fundamentais para a formação de professores(as) e definição do currículo escolar, sendo a luta histórica do movimento negro um dos exemplos de participação social que culminou na aprovação da *Lei nº 10.639/2003*, que altera a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB — Lei nº 9.394/1996) para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira" e dá outras providências.

Articulado aos fundamentos da Educação, a legislação educacional tem sido o principal instrumento orientador da formação de professores, e

observa-se que as alterações na LDB e as reformas educacionais alteraram as prioridades e referências da formação docente. A *Lei nº 10.639/2003*, enquanto um marco legal, aqui representado pela trajetória e produção de Gonçalves e Silva, é um indicador de que o processo de formação de professores(as) deve observar, não sem críticas, a legislação.

Analisando a representação do negro no livro didático. Ana Célia da Silva indica ao campo da formação de professores(as) a necessidade de atitude crítica frente ao material didático e paradidático. O tema das relações raciais pode ser compreendido como uma chave importante na produção de Ana Célia da Silva, mas o problema e metodologia da sua pesquisa, possibilitam diretrizes gerais para a problematização do currículo oficial, do mercado editorial, bem como da formação e concepções educacionais de ilustradores e autores brasileiros e, principalmente, dos impactos desses fatores na formação de professores. Isso quer dizer que o teórico-metodológico presente trabalhos em seus potencialidades para o percurso formativo como um todo, pois os(as) profissionais da Educação poderão utilizar a metodologia e criticidade para aprender sobre relações raciais e para analisar outras representações sociais como, por exemplo, gênero, regionalidade, sexualidade, classe, faixa etária, entre outras diferenças sociais agenciadas como desigualdades educacionais.

A urgência na formação de novas epistemologias educacionais está representada na biografia e bibliografia de Vanda Machado e Maria de Lourdes Siqueira. As intelectuais oferecem ao campo da formação de professores consistentes críticas à tradição ocidental na Educação e apontam caminhos para a construção de epistemologias referenciadas na cosmovisão africana, na ancestralidade e nos valores civilizatórios como conteúdos fundamentais para a formação de professores(as).

Um olhar transnacional e afrodiaspórico para a formação de professores(as) pode ser introduzida a partir da produção da Professora Joyce Elaine King, uma intelectual diaspórica que defende a articulação da formação acadêmica e desenvolvimento comunitário. Outras múltiplas potencialidades podem ser evidenciadas a partir da biografa e bibliografia das intelectuais insurgentes. Sendo assim, ensejo que o percurso e os dados disponibilizados nesta pesquisa se transformem em outras produções e ideias que potencializem e valorizem as histórias e trajetórias de mulheres negras.

#### Referências

BANKOLE, Katherine (2009). "Mulheres africanas nos Estados Unidos". In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo, Selo Negro: 253 -297.

COLLINS, Patrícia Hill (2018). "Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro". 1986. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1: 99-127, 2016.

Disponível em: <a href="https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf">https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf</a>

Acesso em: 20/05/2018.

EVARISTO, Conceição (2006). Becos da memória. Belo Horizonte, Pallas Edições.

\_\_\_\_ (2009). "Dados Bibliográficos". *Literafro*, - Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras Belo Horizonte, maio.

Disponível em: <a href="http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-">http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-</a> Acesso em: 02/12/2020.

GILROY, Paul (2012). O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo, Editora 34.

hooks, bell (2010). Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.

HALL, Stuart (1996). "Identidade cultural e diáspora". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24: 68-75.

KING, Joyce Elaine & SWARTZ, Ellen E. (1991). "Dysconscious Racism: Ideology, Identity, and the Miseducation of Teachers". *The Journal of Negro Education*, Vol. 60, No. 2 (Spring): 133-146.

\_\_\_\_\_ (1997). "Thank you for Opening Our Minds: On Praxis, Transmutation, and Black Studies in Teacher Development". In: KING, Joyce E.; HOLLINS, Etta R. & HAYMAN, Warren C. (Orgs). *Preparing Teacher for Cultural Diversity*. Teachers College Press, Columbia University, New York: 156-169.

\_\_\_\_ (2005). Black education: A transformative research and action agenda for the new century. Mahwah, NJ. Lawrence Erlbaum/Washington, DC, AERA.

\_\_\_\_\_ (2015). **Transformative Curriculum Praxis for the Public Good** in Dysconscious Racism, Afrocentric Praxis, and Education for Human Freedom: Through the Years I Keep on Toiling (New York, 2015), p. 235 47.

\_\_\_\_ (2016). "Re-membering history in student and teacher learning". In: The Afrocentric praxis of teaching for freedom connecting culture to learning. New York, Routledge: 87-111.

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 2 (5): 21-54, 2024
(2017). "A reparatory justice curriculum for human freedom: rewriting the story of african american dispossession and the debt owed." <i>The Journal of African American History</i> 102, no. 2 (Spring): 213-231.
(2018). "The Sociology of Inner-City Children". Program: Social Foundations of Education. Semester: Spring 2018, COE 496.
(2018). Heritage Knowledge in the Curriculum: retrieving an African Episteme. New York, Routledge.
(2018). "Returning what we learn to the people: Theory and Patrice". In: KING, Joyce E. & Swartz, Ellen (Org). Heritage Knowledge in the Curriculum: Retrieving an African Episteme. New York, Routledge: 175-200.
MACHADO, Vanda (2015) "Memória dos Brasileiros com Vanda Machado". Entrevista Museu da memória. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=7wEKkc2pDjo&amp;t=5141s">https://www.youtube.com/watch?v=7wEKkc2pDjo&amp;t=5141s</a> Acesso em: 12/10/2019.
(2017). "Memórias da Educação na Bahia". Entrevista - Nososfera UFBA.  Disponível: <a href="https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia">https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia</a> .  Acesso em: 11/10/2019.
(2017). Pele da cor da noite. Salvador, EDUFBA.
(2017). Prosa de nagô: educando pela cultura. Salvador, EDUFBA.
(2019). "Encontro heurístico com Vanda Machado". Entrevista DMMDC-UFBA. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=VictuqoT3dU&amp;t=783s">https://www.youtube.com/watch?v=VictuqoT3dU&amp;t=783s</a> . Acesso em: 18/08/2019.
(2019). Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador, EDUFBA.
MORRIS, Aldon (2015). The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology. Los Angeles, University of California Press.
SANTOS, Luana Diana dos (2018). "Intelectuais negras insurgentes: o protagonismo de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes". Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e

Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

SILVA, Ana Célia da (1987). Projeto de Pesquisa "Estereótipos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 63, nov: 96-98. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1282/1283 Acesso em: 08/2015. (1987). "Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro". Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. \_\_\_\_ (2005). "New Millennium Research Agenda in Black Education: Some Points to Be Considered for Discussion and Decision". In: KING, Joyce E. (Ed.). Black Education: A transformative research and action agenda for the new century. Mahwah, NJ. Lawrence Erlbaum/Washington, DC, AERA. \_ (2008). "A desconstrução da discriminação no livro didático". In: MUNANGA, Kabengelê (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília, Ministério da Educação: 13-24. \_ (2008). "Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras". In: MUNANGA, Kabengelê (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília, MEC/SECAD. \_ (2010). Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador, EDUFBA. (2010). "Mjee nega: da fma a la ea feminia". In: Otras inapropiables. Feminismos desde las fronteras. Traficantes de sueños. Madrid. Disponível em: https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Otras%20inapropiabl es-TdS.pdf Acesso em: 05/07/2017. (2011). Entre Brasil e África: construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte, Mazza Edições. \_\_\_\_ (2011). A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou? Salvador, EDUFBA. \_\_\_\_ (2017). Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei 10.639/03. Salvador, Hetera. \_\_\_\_ (2019). A discriminação do negro no livro didático. Salvador, EDUFBA.

52

SILVA, Petronilha B. Gonçalves e (2006). "Prefácio". In: SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Siyavuma: uma visão africana de mundo. Salvador, Ed. Autora: 229.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves e & BARBOSA, Lucia Maria de Assunção (1997). O pensamento negro em educação no Brasil - Expressões do Movimento Negro. EDUFSCar.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes (2006a). Siyavuma: uma visão africana de mundo. Salvador, Ed. Autora.

\_\_\_\_ (2006b). Imagens negras: ancestralidade, diversidade e educação. Belo Horizonte, Mazza Edições.

\_\_\_\_ (2018a). A inteligência negra Ocupação Ilê Aiyê, 2018a. (5:06 min) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HjO38el16zI&t=232s Acesso em: 10/11/2019.

\_\_\_\_ (2018b). À flor da pele: histórias dos mundos por onde andei. Belo Horizonte, Mazza Edições.

SOARES, Lissandra Vieira &MACHADO, Paula Sandrine (2017). "Escrevivências como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social". *Psicologia Política. Rev. psicol. polít.* vol.17 no. 39, São Paulo, maio/ago.

Disponível em: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf</a>
Acesso em: 11/11/2017.

#### Sobre as Autoras

Ivanilda Amado Cardoso é Pós-Doutora em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP), Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou Doutorado- Sanduiche como Research Scholar na Georgia State University em Atlanta, GA, USA, Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (CAPES-NEAB-UFSCar). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Desenvolve pesquisa no campo da formação de professores/as e Educação para as Relações Étnico-Raciais. É integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFSCar). Foi professora substituta no curso de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de São Paulo -IFSP-Bragança Paulista. Atuou como professora colaboradora no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/IFSP). Foi professora de cultura afro-brasileira na rede de ensino da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas.

Tatiane Consentino Rodrigues é Doutora em Educação (2011) pela Universidade Federal de São Carlos, possui Graduação (2003) em Pedagogia e Mestrado em Ciências Sociais (2005) pela mesma instituição. É professora do Departamento de Teorias e Prática Pedagógicas e do Programa de Pósgraduação em Educação da UFSCar. É líder do grupo de Pesquisa CNPq "Educação e relações étnico-raciais". Coordenou projeto internacional do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (CAPES). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas educacionais, relações raciais, diversidade, diferença, educação infantil, currículo e formação de professores. Realizou pós-doutorado na Universidade Paris Nanterre (2019-2020), no Centre de Recherche Éducation et Formation (CREF-EA 1589). Équipe Éducation Familiale et Interventions Sociales auprès des familles com bolsa FAPESP e Print/CAPES.